

Redacção e administração  
R. de S. Martinho

AVEIRO

# POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 298

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

6.º Anno

## O CHRISTIANISMO E JESUS

Vimos Jesus sob o aspecto de Guyot. Mas o aspecto de Guyot é o aspecto de todos os criticos modernos, despidos do sentimento poetico que, ainda, por mais do que uma vez, dominou Renan.

Peprat, na sua *Histoire Elémentaire et Critique de Jésus*, escreve:

«Mas o escandalo foi maior e mais geral quando elle se declarou filho de Deus, igual a Deus. Então os seus proprios partidarios o acollheram com murmúrios, muitos dos seus discipulos o abandonaram, não querendo mais acompanhá-lo (João—VI—62, 67). Só lhe ficaram fieis os doze apóstolos, que em breve o haviam de renegar também. E desde esse momento os phariseus não tiveram nada a recear, nem do povo de Jerusalem, nem dos bandos galileus. Reformador, propheta e Messias, Jesus era temível; accusado de impiedade e considerado como blasphemo, era impotente. A prisão do propheta teria provocado um levantamento; a do blasphemo realisar-se-hia sem difficuldade e com impunidade. D'alli em diante, a lucta estava terminada; a propria fuga, que tantas vezes tinha salvado o mestre durante o seu apostolado, já não era possível; só restava a Jesus preparar-se para morrer. D'isso se convenceu elle profundamente e o annunciou aos doze apóstolos com muito socego, durante o ultimo banquete que tiveram juntos, no proprio dia da sua prisão.»

Jesus, postas de parte as lendas e os mysterios que inadmmissiveis, é perfeitamente comprehensivel. Nascido hysterico, breve se lhe manifestaram as anormalidades do seu temperamento. Tem sede de vida, de movimento, de excitações e fuge de casa. Muito naturalmente—é o caminho aberto e imposto a todas as naturezas como a sua—lança-se no partido extremo, das mais arrojadas reivindicções, e procura n'elle ser o mais exaltado de todos.

A Judéa, perdida a sua independencia, já tantas vezes agitada por guerras e conquistas, era fertil em agitadores, em revoltados, em sonhadores, como succede a todos os paizes cahidos de grandes alturas.

O chefe de todos esses espiritos de revolta era João Baptista. Jesus, ainda muito naturalmente, aproxima-se de João. Este morre, e Jesus succede-lhe. Mas ao passo que João Baptista tem um feitiço uniforme, rude e feroz na sua austeridade, Jesus tem modalidades varias. Ora é violento, ora é manso. Ora frio, ora apaixonado. Intratavel muitas vezes; affectuoso e meigo outras tantas. O seu poder de seducção, a sua força suggestiva é muito maior que a de João.

Todos os salvadores tinham necessidade d'uma parcella divina. Até hoje, quanto mais naquelles tempos! Jesus é, pois, religioso. A sua fórma hysterica adapta-se admiravelmente ao mysticismo. Não é bem um politico. Seria chefe politico e religioso ao mesmo tempo, se o podesse ser. Mas as suas preferencias, naturaes e impostas pelas circumstancias—Roma dominava a Judeia politicamente e o jugo de

Roma era difficil de sacudir—são todas religiosas. Voluntariamente abandonaria a terra para de todo se dedicar ao ceo. Arrebata-o esse vago divino que constitue o fundo da paixão religiosa. E as suas primeiras doutrinas são todas de desprendimento terrestre. Mas o vulgacho não o comprehende nem o quer assim. E Jesus sente excitada a feição violenta de revolucionario que também o caracteriza.

Vae na onda. Adula os instinctos da população febril. Lisongea a multidão. Ai d'elle, que se submettia á mais tyrannica das escravidões!

Não ha nada mais caro que a popularidade. Ser popular é não pertencer a si proprio. E' abdicar da razão. E' pôr de parte a consciencia. E' servir todos os erros, todos os preconceitos, todas as convenções, todos os vícios da plebe. Por uma vez que se é porta-estandarte das mais nobres e generosas aspirações, tem de se ser, um cento d'ellas instrumento cego dos peores sentimentos, das mais vis paixões.

Jesus é o idolo dos galileus, dos vagabundos, dos desherdados, enquanto lhes satisfaz o paladar. Mas é apedrejado por elles no dia em que lhes fere as credices absurdas. Como succederia se lhes ferisse os preconceitos, se lhes desacatasse um outro idolo, tanto ou mais idolatrado do que elle, se lhes censurasse os vícios ou lhes contrariasse as paixões.

Apedrejam-no, insultam-no, e Jesus, apenas acompanhado da unica dedicção que se enontra ainda no genero humano, embora sejam raros, bem raros, aquelles que a encontram—felizes d'elles!—a dedicção da mulher, verdadeiramente admiravel quando nasce do fundo do coração, Jesus, apenas acompanhado d'esse sentimento de ternura, cahé desamparado do alto da sua temível popularidade. E é então, já o dissemos, que se torna verdadeiramente grande. Ainda como todos os revolucionarios, quando se possuem fortemente da sua idéa.

Porque a verdade, não deixaremos de o dizer, é que Jesus repetiu todos os revolucionarios que o antecederam, como a elle o repetiram todos os que se lhe seguiram. E' a mesma fórma, é o mesmo processo, é o mesmo fundo, quando as circumstancias se tornam identicas. Nem poderia deixar de ser assim, possuindo elles todos, com ligeiras variantes, o mesmo temperamento.

Danton, Robespierre, Camille Desmoullins, todos os grandes homens da Convenção, são, alternativamente, violentos e suaves, ferozes e meigos, sanguinarios e elementes. Amam as mulheres, as creanças, os infelizes, como Jesus, trasborda-lhes o coração de ternura por todos os desgraçados, ao mesmo tempo que trovejam ameaças contra os ricos, contra os aristocratas, contra os privilegiados, que não hesitam, mesmo, em matar. Intolerantes, á força de serem convictos, não admittem teimosias de opiniões oppostas, e desvairam até obrigarem os seus adversarios a subir ao cadafalso. Como Jesus, que clama violentamente, exasperado: «Trazei-me esses que são meus inimigos e matae-os na minha presença!»

Como Jesus, a par de principios de paz e fraternidade, dos mais largos e mais generosos sentimen-

tos de humanidade, e ali excedem notavelmente o filho do carpinteiro de Nazareth, propagam sentimentos de odio. Como Jesus, sobem ao fastigio da popularidade para morrerem corridos pelos apupos e vaias da plebe. Como Jesus, engrandecem-se no patibulo, olhando com piedade ou com desprezo a multidão que os insulta depois de os ter aclamado com delirio. E como Jesus, emfim, é a piedade ou o amor feminino o ultimo allivio na agonia dolorosa d'alguns d'elles.

Não é preciso ver Jesus, para o comprehender, á luz da critica scientifica. Basta vê-lo á luz d'uma razão calma e reflectida. Só o não comprehendemos quando o aceitamos como instrumento da especulação d'uma classe ou d'uma seita dominante. Porque Jesus, hoje, não é mais que um elemento de combate nas mãos dos que dominam. E foram esses que, durante seculos, por conveniencia propria, nos apresentaram Jesus cheio de lendas mentirosas e mysterios absurdos, sob a face exclusiva da resignação e da humildade. Resignação e humildade que constituindo, incontestavelmente, a base fundamental do christianismo, fazendo d'elle, pelo absoluto com que esses principios tem sido affirmados, uma religião anti-social, não resumiram, todavia, a propaganda, nem exprimiram toda a synthese de Jesus.

Affirmar a humildade, a resignação, o desprendimento, é consolidar a usurpação e o privilegio. E d'esse modo Jesus não tem sido mais do que um poderoso instrumento dos privilegiados, para manter as classes inferiores na sua sujeição.

Mas voltemos a Jerusalem. Jesus vê-se perdido. Tem um momento de hesitação e de fraqueza. Chora a sua infelicidade e a sua obra aniquilada. Quem ha que aos trinta annos não se despeça da vida dolorosamente?! Poderia ter fugido? Uns dizem que sim, outros dizem que não. Seja como for, preparou-se serenamente para morrer. Porque se convenceu de que a sua morte seria a salvação da sua obra? E' licito duvida-lo. E' dever de boa logica, até, não o acreditar. Abandonado, renegado, até pelos mais intimos, com a alma cheia de tristeza, a sua situação era mais de desesperança que de esperança.

Sobre Jesus, como sobre todos os homens e acontecimentos que fizeram epocha na historia, tem-se phantasiado muito. A tendencia geral dos homens—e os escriptores não fogem a essa regra—é para fazer romances. Inventam-se dramas, scenas de tragedia, quadros patheticos, emfim, entra a imaginação em scena com as suas novellas e os seus exaggeros e, ás duas por tres, está completamente alterada a verdade dos factos. A sabedoria popular, que é filha da experiencia, lá o consagra no dicto: «quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto.»

Os escriptores, dissemos, não fogem á regra geral. Não fogem, não. Antes, novos motivos occorrem n'elles para os fazer falsear a verdade. Um, é a vaidade de crear novas theorias, novas idéas, modos de ver diferentes dos adoptados ou seguidos. Outro, é o amor do estylo. A maior parte dos grandes litteratos sacrificam tudo ao estylo. São artistas, não são amigos da verdade, não são pensadores. Ora o estylo não se harmonisa geral-

mente com a verdade, que é chã, que é simples. Não tem rendilhados, não tem galas. Galas, rendilhados, enfeites vaporosos, tem-os a imaginação, que se presta a tudo quanto se queira. E' phantasiando, é devaneando, que o estylista faz brilhar as suas aptidões artisticas. O estylo é imaginativo. D'ahi o enorme perigo, para a verdade historica, ou para a verdade da vida commum, que encerram as produções dos litteratos, na accepção pomposa d'este termo.

A Revolução franceza foi n'outro dia, pôde-se dizer. Quantas mentiras, quantas patranhas, quantas novellas se não tem tecido sobre ella?

Lamartine nasceu em 1791, em pleno periodo revolucionario. Pois a sua *Historia dos Girondinos* é um verdadeiro romance, onde elle deu largas á sua phantasia de poeta, aproveitando um grande acontecimento historico para fazer realçar o seu estylo.

Calcule-se o que terá acontecido com a vida de Jesus, facto tão distante de nós e tão envolvido ainda em trévas.

Para suppormos o que Jesus teria pensado nos momentos supremos, que precederam a sua morte, não temos outro guia senão a experiencia da vida, o exame attento do que se passa em volta de nós, e do que se poderia passar em nós proprios. Não ha outro criterio, dada a ausencia de documentos, que falham, quasi, por completo.

Strauss (*Nouvelle Vie de Jesus*) não admite que Jesus tivesse indicado Judas como aquelle que o havia de trahir, e Pedro como devendo negá-lo tres vezes antes do primeiro cantar do gallo.

Renan, que era litterato, esse, admiravel estylista, e por isso mesmo suspeito sempre que não baseia em documentos as suas apreciações—tendo comtudo, diga-se, escripto uma obra por muitos titulos excelente—tambem se nega a admittir como exactos os supostos pensamentos de Jesus nos dias que antecederam a sua prisão. Recordem-se das claras fontes da Galiléa, onde teria podido refrescar-se, da vinha e da figueira a cuja sombra teria podido assentar-se, das raparigas que poderiam talvez te-lo amado? Amaldiçoou o seu aspero destino, que lhe prohibiu as alegrias aos outros concedidas? Lamentou o seu temperamento d'élite, e, victima da sua grandeza, chorou não ter ficado um simples operario da Nazareth? Não se sabe, responde Renan. «Todas essas perturbações internas ficaram desconhecidas dos seus discipulos.»

Referindo-se ao evangelho de S. Matheus, Renan, pags. 384, regista que no pensamento de Jesus se confirmava a idéa de que a sua morte salvaria o mundo. Mas logo adiante, pags. 390, escreve: «Tudo quanto é permitido dizer é que nos ultimos dias o peso enorme da missão que tinha accettato pesou cruelmente sobre Jesus. A natureza humana acordou um instante. E Jesus começou, talvez, a duvidar da sua obra.»

E' isto, precisamente, o natural. Jesus, é sabido, nunca deu á sua obra caracter de universalidade. Era uma obra da Judéa, unicamente da Judéa. Como havia elle de esperar, ou de pensar, que a sua morte seria a redempção do mundo?

Dentro da Judéa o espectáculo não podia ser para elle mais desolador. O povo, a multidão, que o tinha aclamado, vilmente o injuriava. Os discipulos renegavam-no, e fugiam. Os proprios apóstolos sentiam arrefecido o seu fervor. Era natural que pensasse que a sua morte fosse a salvação da sua obra? Era natural que pensasse exactamente o contrario. Demais a mais, Jesus, embora fosse um idealista, não era, propriamente, um nepheleto. Era um homem de incontestavel talento, apreciando, no intervallo das suas exaltações de agitador e dos seus extasis divinos, os homens e as coisas com frieza e bom senso.

Ora o que elle via deante de si era um paiz em dissolução. Ao espirito casuistico e estreito dos phariseus, juntava-se a ignorancia e o preconceito da plebe. N'uns e n'outros rareava todo o sentimento patriótico e todo o espirito de verdade. O egoismo e a desmoralisação eram geraes. Faltava todo e qualquer ponto de apoio para uma reforma de largo alcance. Faltava toda a garantia de bom exito.

Morto elle, que era um temperamento excepcional, o que restava? Ninguém sabe o que Jesus pensou quando viu chegada a hora extrema. Mas o mais natural era que elle julgasse a sua obra completamente aniquilada. E a melancolia, a enorme melancolia que se apoderou da sua alma, não faz mais que confirmá-lo. Essa melancolia, essa tristeza, de que deu provas no monte das Oliveiras, no jardim de Gethsemani, na ceia dos apóstolos, não podia significar, de fórma nenhuma, a saudade da vida, n'um homem como Jesus. Não. Certo elle de que a sua morte seria o triumpho da sua obra, a fronte, em vez de se lhe cobrir de tristeza, illuminar-se-hia de alegria. E quando se lhe não illuminasse de alegria, se o apego á vida, o simples apego animal, era n'elle poderoso, a sua attitude seria, no entanto, uma attitude altiva e audaciosa. A satisfação do crente, que ia triumphar, sobrepujaria a saudade da vida do homem que ia morrer. Saudade que não podia ser immensa n'elle cuja existencia era a negação dos gosos materiaes, cifrando-se toda em gosos moraes.

Esta é a unica hypothese admmissivel. Jesus não queria morrer. Pensou na fuga. Cobriu-se-lhe o rosto de tristeza, quando a fuga lhe pareceu impossivel ou difficil. Tentou ainda salvar-se, ou não procurou, pelo menos, aggravar a sua situação, em casa de Pilatos. Logo, não é licito admittir-se que elle estivesse convencido de que a sua morte seria a salvação da sua obra. Pelo contrario, essa tristeza só é comprehensivel estando elle convencido de que a sua morte seria, ou poderia ser, a morte de tudo.

Fosse como fosse, morreu dignamente. A sua serenidade perante a morte não é um caso singular. Pelo contrario, é commum a todos os homens possuidos d'uma grande convicção. Todos os philosophos, innovadores e agitadores sinceros tem morrido da mesma fórma. Heja vista Socrates, entre muitos. Os christãos fazem mal em apertar essa serenidade como exemplo unico de grandeza d'alma. Todavia, é um acto admiravel, em Jesus, como em qualquer outro.

Morreu com nobreza, e da sua morte resultou, realmente, mercê

# O CONVENTO DAS CARMELITAS

E OS

## REACCIONARIOS DE AVEIRO

das circunstancias espezias que se seguiram, ou elle o previsse ou não, o triumpho da sua doutrina. Nem por isso o christianismo deixou de se converter, como veremos, n'uma verdadeira burla.

Guyot imagina, ainda hoje, Christo como réo, em todos os tribunales francezes onde, com o Christo por cima da cadeira dos juizes, se condemna em nome da ordem, da familia, da propriedade, da religião e da moral publica. Condemna-se Christo em nome de Christo! E' uma idéa feliz.

Na verdade Christo, boas ou más as suas doutrinas, foi o representante dos desgraçados, dos vagabundos, dos maltrapilhos, contra o elemento ordeiro e conservador. Não ha duvidas nenhuma sobre a sua feição revolucionaria e sobre o seu caracter de tribuno e porta-estandarte da plebe. O que succedeu, porém? Succedeu que todos os phariseus que elle anathematizou, todos os ricos que elle fulminou, todos os tyrannos contra os quaes se revoltou, se apoderaram do seu nome para continuarem a exercer com elle todas as tyrannias e continuarem praticando todas as immoralidades. Os phariseus continuaram a existir. E continuaram a condemnar Christo como até ahi. Com uma unica differença:

Christo, como diz Guyot, passou a ser condemnado em nome de Christo. Jesus deixou de ser o representante, o porta voz dos humildes, dos famintos, dos rotos, para ser o querido de principes e princezas, de fidalgos e fidalgas, de conselheiros, de ministros, de inquisidores e de ricos.

E' essa uma das grandes burlas do christianismo. Mas a burla não termina ahi, como veremos.

Já agora exporemos o que foi o christianismo, 'exposição que ficará para o proximo domingo.

E concluiremos n'esse dia.

Está sendo assignada uma representação para oppôr áquella que os reaccionarios dirigiram ás altas regiões pedindo a conservação do convento das Carmelitas.

Escusamos de dizer que apoiamos vivamente esse protesto, e todos aquellos que se teem feito, e se fizerem, contra os manejos da reacção.

Como já dissemos, nós, porque conhecemos muito bem o espirito popular, não damos demasiada importancia aos manejos reaccionarios em Aveiro. Ha muitos annos que os reaccionarios deixaram de dominar esta terra, e se hoje parecem ter alguma força é unicamente a que lhes provem dos francaceos. Ninguem se illude e ninguem se póde illudir em Aveiro a tal respeito. Alguns dos francaceos não serão, no fundo, reaccionarios. Mas é-o o sr. Jayme de Magalhães Lima. Mas são-o a maior parte dos dirigentes d'esse grupo.

Não nos illudamos. Vejamos claro. Que das aguas turvas só aproveitamos os cavalheiros de industria, os torpes especuladores.

Quem são os elementos liberaes entre os francaceos? São os malandros que apostataram dos principios republicanos? São esses? Valha-nos a Virgem! Um apostata é sempre o inimigo mais cruel das doutrinas que renegou. Um apostata é capaz de tudo contra o seu antigo credo.

O pequenino Domingos, por exemplo,—que é a mais bella flôr que tem surgido n'esta terra, alma de pomba, coração d'ouro, cofre de perolas—ainda se dizia republicano e já abusava da sua influencia sobre a auctoridade administrativa para fazer com que esta perseguisse os livres pensadores. Foi elle que fez enterrar Jeronymo Salgado detraz da porta do cemiterio. Nem depois da morte o seu odio reaccionario poupava os inimigos da Igreja.

Pequenino Domingos foi sempre partidario da *santa religião*. Nem quando militou no campo republicano deixou de o ser.

Quem são então, quem não de ser, os elementos liberaes entre os francaceos?

O sr. Jayme de Magalhães Lima é o que é. Profundamente reaccionario em politica, profundamente reaccionario em religião. Ou antes, esse homem foi sempre um *snob*. Por si, nunca foi coisa nenhuma. Nunca teve individualidade propria. Em Portugal, elle, e o seu amigo Luiz de Magalhães, outro que tal, foram sempre o que foi Oliveira Martins. Quando Oliveira Martins era socialista, elles eram socialistas. Quando Oliveira Martins era progressista, elles eram progressistas. Quando Oliveira Martins fez politica com o sr. Dias Ferreira, elles fizeram politica com o sr. Dias Ferreira. Oliveira Martins tornou-se *independente*, elles tornaram-se *independente*. E seguiriam toda a orbita de Oliveira Martins, se Oliveira Martins continuasse a viver. Oliveira Martins morreu, elles ficaram livres, mas recolheram *pie-*

*dosamente*, como bons discipulos e apostolos, as ultimas palavras e a ultima feição do mestre. Ora o mestre morreu *entre irmãs da caridade*, e tem ridiculamente gravado no seu tumulo, em Lisboa, que morreu com *todos os sacramentos da Igreja!*

Fica visto o que será Luiz de Magalhães e o que será Jayme de Magalhães Lima.

O nosso pequenino Domingos não é *snob*, porque, coitado, não tem altura para isso. Não chega *ao estalão*. Para ser *snob* é preciso ser elegante. Pelo menos pôr airosoamente um *smoking* e calçar airosoamente umas luvas. Ora o compadre basta vestir uma sobrecasaca e enfiar umas luvas para ficar uma verdadeira caricatura. Não é, pois, um *snob*, como o sr. Luiz de Magalhães, ou como o sr. Jayme de Magalhães Lima. E', simplesmente, um engraxador, o nacional, nacionalissimo engraxador, como convem ao espirito patriótico de tão patriótico cidadão. Sempre o conhecemos a falar *paternalmente* aos pequenos, e a derrear a espinha, sacando lesto da escova, deante dos grandes.

Jayme Lima reaccionario, calculem bem o que será, por habito de engraxar e por carolice innata, o famigerado marechal de Liliput!

E o que será todo o franquismo local, sendo Jayme para elle o seu Messias e sentando-se Domingos, como primeiro e mais querido apostolo, á direita do Mestre!

Mas se julgam que isto são palavras, de pessimismo ou má vontade, vejam a papeleta immunda que os representa no jornal local. Vejam!

Quem póde tomar a sério em Aveiro a opposição reaccionaria do *Papa-Sellos*, do Lontro, do José Serrano ou do *Bicheza*? Porque, afinal, aquillo que se chama partido reaccionario em Aveiro é o *Papa-Sellos*, é o Lontro, é o José Serrano, é o *Bicheza*, e pouco mais.

Isso toma-se a sério? Diga-o alguém, em consciencia.

Não. O perigo reaccionario não é esse. O perigo reaccionario é outro.

Já o foi na questão da *Immaculada*, quando os miseraes, fingindo atacar o governador civil, não atacavam senão os liberaes. Atacaram o governador civil até esse momento. Mas passaram a fazer o jogo d'elle, atacando os liberaes, logo que a questão liberal appareceu em evidencia. Os numeros da gazeta immunda, publicados então, não nos deixam mentir.

Agora a mesma coisa. Não defendem abertamente a reacção. Mas ensarilham a favor d'ella por todas as fórmulas. Serve-lhes de pretexto o convento, serve-lhes de pretexto a rua do Loureiro, serve-lhes tudo. No fundo é o espirito reaccionario, elle e só elle, que os anima.

Não se desmascaram, porque teem medo. Encolheram-se na questão da *Immaculada* e encolhem-se agora, porque conhecem as tendencias das massas populares e sabem que essas tendencias são todas democraticas.

O povo não pactua entre nós com a reacção. Nem o sente, nem precisa, porque não vae ao banco de Portugal fazer descontos. O povo é inimigo da reacção, o povo é anti-clerical. Illudido, poderá ficar de braços cruzados. Mas esclareçam-n'o, agitem-no e elle vae para a rua. E' por isso que nós dissémos, e dizemos, que não temos grande receio dos manejos reaccionarios em Aveiro. A questão é estar alerta, para destruir enredos e evitar ciladas. Como agora! Desde que os liberaes tomaram uma certa attitudede, os especuladores começaram logo a recuar.

Mas desenganemo-nos. Não é dos partidarios do *velho regimen*, que não podem com uma gata pelo rabo, coitados, que nos ha de vir o mal. O mal está no grupo de farçantes que recebem do Carmo o santo e a senha. São esses, e só esses, os que fazem o jogo reaccionario, o jogo perigoso, em Aveiro.

Alem de fazerem esse jogo infame, são elles tambem o elemento perturbador e dissolvente em todos os melhoramentos locais. Tambem n'esse ponto deve o elemento popular, extranho e superior ás rivalidades e ambições de corrilhos, estar com os olhos bem abertos. Que veja bem quem são aquellos que tentam, constantemente, embaraçar todas as tentativas em favor dos progressos da cidade. E para ver isso bem, não é preciso muito. Basta passar pelos olhos a immunda gazeta que é órgão dos francaceos.

Esse pasquim não se intitula jornal independente. Pelo contrario. Diz-se órgão do *partido regenerador liberal*. Não reflecte, pois, não póde reflectir, a opinião d'um individuo. Reflecte a opinião do partido que representa, ou, pelo menos, a opinião dos chefes d'esse partido. Ora não ha trica, não ha calumnia, não ha mentira, não ha infamia a que esse ignobil canudo não tenha recorrido para dificultar a acção reformadora do presidente da camara, o homem que ali tem apparecido com mais direito aos applausos, ao respeito e á gratidão da cidade, desde que se poz á frente dos negocios municipaes.

Como já escrevemos no domingo passado, dizem-nos que ha francaceos que applaudem agora, na questão da *Avenida do Terreiro*, a attitudede do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto. Queremos acredita-lo. Mas isso não invalida em coisa alguma o que estamos afirmando. Isso prova apenas que o procedimento do indigno pasquim já vae repugnando a alguns dos proprios correligionarios. Porque a verdade, que todos conhecem, que to-

dos teem visto, é que a papeleta vem combatendo abertamente, usando para isso dos torpes expedientes do costume, a obra excellente que se projecta. Isso é que todos teem visto. Tem feito, intimamente, causa commum com os reaccionarios, empregando todos os argumentos d'elles e usando de todos os processos de que elles teem usado. Até o das ameaças violentas ao presidente da camara!

Dizem-nos, e é certo, que o *Papa-Sellos* se atreveu a lançar a ameaça de que *seria incendiada a casa do presidente da camara*, se fosse por deante a abertura da *Avenida* projectada. Isto só em Aveiro. Um ladrão, um grillheta, que já deveria andar em Timor ha muitos annos a cumprir o justo castigo que os seus crimes infamantes reclamam, atrever-se, não contente com a sua vergonhosa impunidade, a lançar ameaças d'essas naturezas, a falar e a proceder como representante da opinião da cidade, é d'aquellas infamias que só em Aveiro se veem. Só em Aveiro! Esta é que é a verdade.

O *Papa-Sellos* a ameaçar o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto! Só em Aveiro. Mas é verdadeiro. Nós garantimos o facto.

Ora leiam os ultimos numeros do canudo, os que veem sendo publicados desde que surgiu a questão, e lá hão de encontrar a mesma ameaça disfarçada. Não se fala em deitar o fogo á casa do sr. presidente da camara, é claro. Mas fala-se em tom solemne, nas consequencias graves da sua conducta.

Quaes podem ser as terriveis consequencias da conducta do sr. presidente da camara? De que se ha de arrepender o sr. Gustavo? A não ser a ameaça do *Papa-Sellos*, não se vê outra coisa que o sr. Gustavo possa recuar.

De fórmula que, repetimos, em tudo e por tudo o órgão dos francaceos tem feito o jogo dos reaccionarios.

Preciso se torna que todos vejam as coisas como ellas são.

Este caso do convento das Carmelitas representa um dos maiores attentados, um dos tramas mais repugnantes que se teem urdido entre nós. A' sombra d'uma mentira revoltante, qual é a do convento, que nada vale, constituir um monumento nacional, tem-se pretendido, apenas, manter um coio jesuítico e difficulter um grande melhoramento local. O convento—ninguem o ignora em Aveiro—não tem nenhum merecimento artistico. Como recordação historica, lembra uma familia odiosa, que nem honra Portugal, nem honra esta terra, e á qual Aveiro não deveu já mais coisa nenhuma. E não nos queremos agora referir sómente ao regicida. O regicida era um grande patife. Se o não fóra, ser regicida poderia ser uma recommendação em vez de ser uma condemnação. Referimo-nos, sobretudo, ao outro tratante, áquelle que atraiçout a causa nacional, indo para Hespanha conspirar contra a independencia do paiz. Era o 4.º duque d'Aveiro, D Raymundo de Leucaste, que *vinte annos depois* da restauração de Portugal ia para Madrid unir os seus esforços aos do castelha-

**José Maria Soares**  
medico e cirurgião pela Escola Medico-Chirurgica do Porto

**CLINICA GERAL**

Consultas todos os dias das 10 h. em diante

Chamadas a qualquer hora

R. dos Mercadores — AVEIRO

### Arquivo de Legislação

Sob este titulo, acaba de apparecer em Lisboa, com a sede de administração na rua do Regedor, 19, 2.º, uma revista semanal, que se nos affigura ser da mais levantada utilidade e importancia, em vista do fim a que se propõe, que é trazer os leitores ao facto de tudo quanto vem sendo publicado no *Diario do Governo*, de indole official, sendo publicados na integra os diplomas de menor tomo, e os mais extensos em summula tão desenvolvida quanto possível, indicando-se sempre a data e o numero da folha official em que são publicados.

Será, pois, um repositório da legislação nacional, interessante para todos que exercem cargos publicos, e mesmo para os demais cidadãos, pois todos precisam e todos devem ter conhecimento das disposições legais em vigor no seu paiz.

O preço de assignatura d'esta interessante e utilissima publicação, é de 600 reis por tres mezes ou série de 12 numeros, tendo cada numero 8 paginas e duas columnas, em formato grande e constituindo cada anno um elegante volume, digno de figurar nas estantes de todos que apreciam livros uteis e de todos que teem de consultar leis.

Acceptam-se assignaturas até á publicação do numero 6, pois d'esse numero, em deante resolveu a empreza limitar a edição ao numero de assignaturas obtidas, e suspender a remessa, que tenha sido feita avulso, a todas as pessoas que não tenham pago a primeira série de assignatura até á publicação do referido numero.

Recomendamos esta publicação aos nossos leitores, que d'estarte ficirão, por mo-desto preço, possuindo a mais completo e exacta reseuha de diplomas officinaes, publicados no *Diario do Governo*, a assignatura, de qual importa em 183000 reis annuaes, não acceptando assignaturas por menos de seis mezes.

O *Arquivo de Legislação* vem a lume sob o patrocínio de uma empreza bem conhecida no paiz—a *Bibliotheca Popular de Legislação*.

no, no sentido d'este recuperar a corôa portugueza. Compreendia-se ainda que o patife fizesse causa commum com os hespanhoes, como outros fizeram, em 1641 ou em 1642. Mas **vinte annos depois** era levar o desavergonhamento muito longe.

Não houve entre os duques d'Aveiro um unico nome illustre, que se impuzesse pelos seus talentos ou pelos seus serviços. E a maior parte d'elles foram uns refinadissimos patifes. Admitte-se, pois, que o *Papa-Sellos* ou o *Chica* quebrem lanças pelo convento das Carmelitas, como recordação gloriosa dos duques de Aveiro. Esses são logicos. São coherentes. Mas logicamente e coherentemente tambem a grande população honesta d'Aveiro repelle toda a solidariedade com os dois mariolões, não permitindo que se defenda o convento como recordação historica dos duques d'Aveiro.

Não tem, pois, valor algum o convento, nem como monumento artistico, nem como monumento historico. Defende-lo sob esse ponto de vista é uma verdadeira burla. A' sombra d'esse embuste pretende se apenas manter o coio jesuitico que elle alberga e evitar, por ciúme revoltante, que o sr. presidente da camara preste mais um relevante serviço á cidade.

E' isto, e só isto.

Estamos certos de que a questão se não complica, e será resolvida, sem attrictos, em sentido liberal. Mas se os attrictos apparecerem, **então iremos para os comleitos publicos**, e faremos vir a Aveiro as pessoas mais auctorizadas no assumpto, para poderem dizer no povo de Aveiro e ao paiz o que é o convento e o que elle vale. Então poremos a nú a grande burla, patenteando á nação mais uma pouca vergonha jesuitica.

Sem deixarmos de convidar o sr. Mattoso, que se diz ser protector dos reaccionarios, e outros, para alli se irem defrontar com os oradores liberaes.

Tenham a certeza de que converteremos a questão n'uma questão nacional, se conseguirem levantar difficuldades á obra que se projecta. Se o governo, como deixou antever o *Progresso de Aveiro*, ceder á influencia dos reaccionarios de alto cothurno. N'esse caso, faremos reviver a questão religiosa.

Por ora ainda ninguem fez convergir para o caso as attentões do paiz. Pois fa-lo-hemos nós, se necessario fór.

Estejam certos d'isso.

Não soprem ao fogo. Senão escaldam-se, como em todas as questões liberaes se téem escaldado em Aveiro.

Repetimos: faremos reviver a questão religiosa.

Ora não de vér.

## EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

**17 de abril.**—Villa Flor, com o emprestimo contrahido na Terceira, prepara a expedição ás illhas d'oeste, 1831.

**18 de abril.**—O congresso mexicano declara benemerito a Juarez, eleva-lhe um monumento, declara dia de festa nacional o do seu nascimento e de lucto o da sua morte e vota uma pensão annual de 3.000 dollars a cada uma das suas filhas solteiras, 1873.

**19 de abril.**—São assassina-dos em Lisboa milhares de judeus, 1506.

Eis como Alexandre Herculano descreve esse grande horror na sua *Historia da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*:

«Desde Janeiro que a peste redobrava de intensidade em Lisboa, e nos principios de abril era tal o progresso da epidemia que a mortalidade subia alguns dias ao n.º de 130 individuos. Faziam-se preces publicas, e a 15 do mez ordenou-se uma procissão de penitencia, que, salindo da igreja de S. Estevam, se recolheu na de S. Domingos, seguindo-se a celebração de preces solemnes. Durante ellas, o povo implorava em gritos a misericordia divina. No altar da capella chamada de Jesus havia n'aquelle tempo um crucifixo, e no lado da imagem do Salvador um pequeno receptaculo, que servia de custodia a uma hostia consagrada. No excesso da exaltação religiosa houve quem cresse vêr ahi, e talvez visse, uma luz extranha. Espalhou-se logo voz de milagre. Ou que os dominicanos, aproveitando a illusão, realissem artificialmente a supposta maravilha ou que a credulidade, fortalecida pelos terrores da peste, predispozesse cada vez mais a imaginação do vulgo para ver aquelle singular clarão, é certo que ainda nos dias seguintes havia quem affirmasse divisál-o perfeitamente. Todavia o voto mais commum era que essa maravilha não passava de uma fraude, e ainda muitos dos mais crentes suspeitavam que o facto existira apenas nas imaginações escandecidas. Durante quatro dias a crença no prodigio foi ganhando vigor. No domingo seguinte ao meio dia, celebrados os officios divinos, examinava o povo a supposta maravilha, contra cuja authenticidade recresciam suspeitas no espirito de muitos dos espectadores. Achava-se entre estes um christão novo, ao qual escaparam da bocca manifestações imprudentes de incredulidade acerca do milagre. A indignação dos crentes, excitada, provavelmente, pelos auctores da burla, communicou-se á multidão. O miseravel blasphemo foi arrastado para o adro, assassinado e queimado o seu cadaver. O tumulto attra-hiu maior concurso de povo, cujo fanatismo um frade excitava com violentas declamações. Dois outros frades, um com uma cruz, outro com um crucifixo arvorado, sahiram então do mosteiro, bradando *heresia, heresia!* O rugido do tigre popular não tardou a reboar por toda a cidade. As marinhegens de muitos navios estrangeiros fundeados no rio vieram em breve associar-se á plebe amotinada. Seguiu-se um longo drama de anarchia. Os christãos novos que giravam pelas ruas desprevenidos eram mortos ou mal feridos e arrastados, ás vezes semi-vivos, para as fogueiras que rapidamente se tinham armado, tanto no Rocio como nas ribeiras do Tejo.

O juiz do crime, que com os seus officiaes pretendia conter o motim, apedrejado e perseguido, teria sido queimado com a propria habitação, se um raio de piedade não houvera momentaneamente tocado o coração do tropel furioso que o perseguia, ao verem as lagrimas da sua esposa, que desgrenhada, implorava piedade. Os dois frades, enfureciam as turbas com seus brados, e guiavam-nas com actividade infernal n'aquelle tremendo lavor. O grito da revolta era: *Queimae-os!*

Quantos christãos novos encontravam arrastavam-nos pelas ruas e iam lança-los nas fogueiras da Ribeira e do Rocio. N'esta praça foram queimadas n'essa tarde trezentas pessoas, e ás vezes, n'um e n'outro logar, ardi-am a um tempo grupos de quinze ou vinte individuos.

A ebriedade d'aquelle bando de cannibae não se desvaneceu com o repouso da noite. Na segunda-feira as scenas da vespera repetiram-se com maior violencia, e a crueldade da plebe, incitada pelos frades, revestiu-se de fórmas ainda mais hediondas. Acima de quinhentas pessoas tinham perecido na vespera; n'este dia passaram de mil. Segundo o costume, ao fanatismo tinham vindo associar-se todas as ruins paixões, o odio, a vingança covarde, a calunnia, a luxuria, o roubo. As inimidades profundas achavam no motim popular ensejo favora-

vel para atrozes vinganças, e muitos christãos velhos foram levados ás fogueiras com os neophytos judeus. Alguns só obtinham salvar-se mostrando publicamente deante dos assassinos que não eram circuncidados. As casas dos christãos novos foram acomettidas e entradas. Mettiam a ferro homens, mulheres e velhos: as creanças arrancavam-nas dos peitos das mães e, pegando-lhes pelos pés, esmagavam-lhes os craneos nas paredes dos aposentos. Depois saqueavam tudo. Aqui e acolá, viam-se nas ruas alagadas de sangue pilhas de quarenta ou cincoenta cadaveres que esperavam a sua vez nas fogueiras. Os templos e os altares não serviram de refugio aos que tinham ido acoutar-se á sombra d'elles e abraçar-se com os sacraes e imagens dos santos. Donzellas e mulheres casadas, expellidas do sanctuario, eram prostituídas e depois atiradas ás chammas. Os officiaes publicos que por qualquer modo buscavam pôr diques a esta torrente de atrocidades e infamias escapavam a custo, pela fuga, ao impeto irresistivel das turbas concitadas; porque além da gente dos navios estrangeiros, mais de mil homens da plebe andavam embaldados n'aquelle carnificina. A noite, que descia, veio, afinal, cobrir com o seu manto este espectáculo medonho, que se renovou no dia seguinte. Mas já as hecatombes eram menos frequentes, porque escacejavam as victimas.

**20 de abril.**—Mousinho da Silveira decreta a sahida franca dos generos por todos os portos do reino, inaugurando o grande principio da liberdade de commercio, 1832.

**21 de abril.**—Morre D. Isabel Maria, legando aos padres jesuitas inglezes todos os bens que havia podido apanhar ao paiz, 1876.

**22 de abril.**—D. João VI manda massacrar o povo amotinado na Praça do Commercio, no Rio de Janeiro, 1821.

**23 de abril.**—Os reaccionarios, que tentam afogar a republica hespanhola, são obrigados a depôr as armas em Madrid, 1873.

## REPRESENTAÇÃO

Estão sendo cobertas com as assignaturas da maioria da população da cidade, as listas expostas nos estabelecimentos commerciaes e que acompanham a representação dirigida ao chefe do estado, pedindo-lhe o integral cumprimento no projecto respeitante ao côrte no côro e convento das Carmelitas.

A representação é do theor seguinte:

SENHOR!

A formosa perola do Vouga, que tão distinctos e valorosos filhos se orgulha e ufana de contar entre os martyres e mais denodados campeões das nossas modernas campanhas pela liberdade, sente-se ferida e humilhada, nos seus mais intimos sentimentos de affecto e veneração por estes heroes, ao vér que a sua grande obra, que abriu uma das paginas mais brilhantes da historia patria d'esta cidade, está hoje passando pelo mais duro e lamentavel ultrage ás suas mais queridas tradições liberaes.

Aveiro, Senhor, não é uma terra que se deixe permanecer adormecida nos scismadores sonhos de um passado mais ou menos glorioso. E' uma cidade que deseja progredir, que aspira a engrandecer-se, e a acompanhar nas suas mais fulgurantes evoluções a admiravel marcha civilisadora do progresso. Por isso a grande maioria dos seus habitantes, que a amam e adoram como mãe querida e amantissima, não pôde assistir indifferente e de braços cruzados ao lamentavel passo que aqui

está dando um—felizmente bem diminuto—pequeno e determinado numero de seus filhos, na mais errada e deploravel orientação, e completamente suggestionados pelas retrogradas ideias de um passado longiquo, tentando oppôr-se e criar estorvos a um dos melhoramentos mais grandiosos e de mais largo alcance, que modernamente tem sido emprehendidos n'esta graciosa cidade de Portugal.

No intuito de dotar esta cidade com um certo numero de melhoramentos, que só vizam a engrandecer-a, de ha muito reclamados pela opinião publica, e cujo addiamento lhe está imprimindo o cunho de uma cidade esquecida de si e do que devé ao seu bom nome, e aos seus fóros e prerogativas, foi pelo governo de Vossa Magestade mandado estudar e pôr em execução o projecto da abertura de um largo ou praça publica, em frente do novo edificio destinado ao governo civil e mais repartições officiaes do districto, compreendendo tambem a rectificação e alargamento das ruas que lhe devem dar accesso.

Justifica este projecto, que se impõe ao applauso e louvores de todos, a necessidade de desembaraçar aquelle grandioso edificio dos muros que o deffrontam, e lhe estão tolhendo a magestosa perspectiva, ao mesmo tempo que lhe deixam apenas estreitas e tortuosas communicações com as principaes arterias do movimento da cidade.

Succede, porém, que a realisação d'esta obra, de um consideravel alcance para o engrandecimento e aformoseamento da cidade, exige o côrte de uma estreita parcella do velho convento de S. João Evangelista, hoje denominado das Carmelitas, cuja construção data do seculo XVII, sem merecimento nem importancia alguma, quer architectonica, quer artistica, como o proprio conselho de monumentos nacionaes é o primeiro a reconhecer, e tendo apenas de notavel o ter sido o solar dos duques d'Aveiro, — um dos quaes de bem triste memoria, — que depois o converteram e adaptaram a um convento de religiosas hoje extinctas segundo as leis do paiz. Bastou este facto para que inimigos do progresso, sectarios ferrenhos do antigo regimen, que olham com horror para a marcha ovante da moderna civilisação, se levantassem em grita contra tão valioso emprehendimento, com o simulado e capcioso argumento de que elle vae reduzir a pó aquelle monumento das antigas tradições d'esta cidade, e dirigindo a Vossa Magestade uma petição n'este sentido.

Ora a verdade, Senhor, comprovada pelo testemunho insuspeito de homens competentissimos, extranhos a esta terra e por tanto ás suas discussões intestinas, é que aquelle velho edificio, de uma construção acanhada, trivial, incaracteristica e vulgarissima, sem o menor merecimento architectonico ou artistico, não é, nem pôde por fórma alguma ser considerado como um monumento, e que o seu valor historico mesmo se pôde dizer muito problematico desde que

está apenas ligado á memoria dos antigos donatarios e senhores feudaes d'esta terra, que na sua jurisdicção de barão e cunello esmagavam com o seu poderio e onerosos encargos os pobres párias sujeitos á sua alçada, aos quaes na sua triste vassallagem se chegava a negar a liberdade do corpo e até da propria consciencia, não deixando o seu nome ligado ao mais insignificante melhoramento de utilidade ou beneficio para esta terra ou para os seus habitantes, nem sequer facto algum que recomende á posteridade o respeito pela sua memoria.

De toda aquella antiga construção, unicamente a capella se recommenda pela sua elegante e graciosa structura interna, embora pequena e já em adeantado estado de ruina; mas essa mesma nada tem a soffrer, e antes tem tudo a ganhar, com o projectado côrte, pois que achando-se escondida ás vistas do publico e sem qualquer signal exterior que a denuncie deve vir a ficar completamente intacta, e com um bello frontespicio sobre a vasta praça, o que mais contribuirá para a tornar bem visível e portanto mais attraente ao culto divino.

Mas, quando mesmo se entenda que este templo, depois de restaurado é mais aformoseado ainda, não baste para perpetuar a singella tradição historica que está ligada áquelle convento, qual é a do duque d'Aveiro, o regicida, lá fica ainda intacta a maior parte d'aquella grande móle, onde os inimigos do progresso poderão ir chorar lagrimas de sentida saudade por um passado iniquo, ao passo que, por um singular e caprichoso contraste de ideias associadas, os descendentes dos martyres da liberdade, ali encontrarão incentivo e estimulo para incutir e exaltar no espirito de seus filhos a memoria do eminente estadista, que foi entre nós o precursor d'essa liberdade, o Marquez de Pombal, a quem a patria hoje se prepara para pagar uma divida sagrada e imprescriptivel.

Não ha, pois, razão alguma, Senhor, tanto de ordem moral como material, para que o pequeno côrte a executar, em uma só das quatro faces do convento, seja motivo bastante, e sufficientemente attendivel, para que se ponha de parte, altere, ou modifique o projecto adoptado, o que o iria ferir na grandeza da sua concepção, e prejudicar-lhe gravemente a belleza esthetica da execução. N'esta ordem de ideias, o exercicio de um direito, e principalmente no cumprimento de um dever sagrado, que o patriotismo e a verdade lhes impõem, e que consideração alguma pôde fazer declinar ou preterir, os abaixo assignados veem hoje mui respeitosa e apresentam a Vossa Magestade o seu energico e attencioso protesto contra a referida petição, rogando simultaneamente a graça de ser mantido sem alteração alguma o projecto elaborado e já approvado pelas estações competentes, ainda mesmo que para isso se torne necessaria a secularização effectiva e já decretada por lei d'aquelle extincto convento.

Aveiro, 17 de abril de 1905.

# METHODO JOÃO DE DEUS

## LEITURA

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—16.ª ed., cart. 300 réis, broch. 200  
**Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5.800  
**Quadros Parietaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6.800  
**Segunda parte—Os Deveres dos Filhos**—16.ª ed., cart., 300 réis, broch. 200  
**Gula prático e teórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 160

## ESCRIPTA

- Arte de Escripção**—(2.ª ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30  
**Livros de polémica sobre o Methodo**  
**A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500  
**A Cartilha Maternal e a Crítica**..... 500  
 Do mesmo auctor:

## LITTERATURA

- Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed. 700  
**Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga..... 800

## DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requirirem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (à Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas secas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

## Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

# MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

## EM TODA A PARTE OS Armazens

### Grandella

o mesmo do que

Uma succursal em cada terra da provincia!

Não precisa mandar dinheiro adiantado

Requisitar apenas catalogos ou amostras aos nossos armazens.

Fazer a escolha e pedido e pagar no correio á recepção da encomenda.

Faça-se um pedido a titulo d'experiencia

Grandella & C.<sup>a</sup>  
LISBOA

## PDARI FERREIR & MACEDO AOS ARCOS AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, desde 15600 a 38000 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; velas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles  
dos Santos J.



## DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platinã, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estátua de JOSE ESTEVAM)

## Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

R. da Boa Vista, 3—Lisboa

# EMPREZA CERAMICA

DA

## FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos  
AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

## JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,  
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO